



## Espaços Caribenhos: Fugas das Zonas de Crepúsculo<sup>1</sup>

Carole Boyce-Davies<sup>2</sup>

Tradução: Iberê Araujo da Conceição<sup>3</sup>; Ianá Marcelle da Silva Tarabole<sup>4</sup>; Fernanda A. J. Mariano<sup>5</sup>

Supervisão técnica: Fulvio Cesar Garcia-Severino<sup>6</sup>

**Resumo:** Neste texto, pretendemos identificar uma série de passagens e locais entre as Américas que facilitam o movimento à medida que identificam um conjunto de traumas específicos. Interessa-nos menos as teses dos “arquipélagos da pobreza ou da dor” ou os enfoques sobre o crime e a segurança e o tráfico de drogas, o lado desagradável do uso do espaço caribenho; em vez disso, tentamos ir além do amplo uso da *Middle Passage*, entre a África e o Novo Mundo, para falar sobre a forma como os espaços culturais são entendidos. Para tanto, o texto se move entre explorações da cultura caribenha em uma variedade de locais (espaços) para um espaço geográfico caribenho imaginado mais amplo,

1 O artigo é uma adaptação da introdução do livro “Caribbean Spaces: Escapes from Twilight Zones”, dessa autora, publicado pela University of Illinois Press, em 2013.

2 Africana Studies and English, Africana Studies and Research Center. Cornell University, Ithaca, New York – EUA - ceb278@cornell.edu

3 Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil - iberearaujo@gmail.com

4 Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – São Carlos – Brasil - ianatarabole@estudante.ufscar.br

5 Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – São Carlos – Brasil - marianofernanda@estudante.ufscar.br

6 Programa de Pós-Graduação em Educação Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – São Carlos – Brasil - fulvioassar@gmail.com

expandindo seus significados, e tenta também um movimento entre o autobiográfico e o conceitual, o experiencial e o teórico, a fim de romper a lógica do discurso acadêmico excludente que, muitas vezes, nega o pessoal.

**Palavras-chave:** negros; região caribenha; migrações; identidade étnica; geografia humana.

### **Caribbean Spaces: Escapes From Twilight Zone**

**Abstract:** *In this text, we intend to identify a series of passages and locations across the Americas that facilitate movement as they identify a set of specific traumas. We are less interested in the theses of the “poverty or pain archipelagos” or the focus on crime and security and drug trafficking, the unpleasant side of using the Caribbean space, instead we try to go beyond the widespread use of Middle Passage, between Africa and the New World, to talk about how cultural spaces are understood. To this end, the text moves from explorations of Caribbean culture in a variety of locations (spaces) to a broader imagined Caribbean geographic space, expanding its meanings and also attempts a movement between the autobiographical and the conceptual, the experiential and the theoretical, looking forward to breaking the logic of the exclusive academic discourse that, many times, denies our personal belonging.*

**Key Words:** Blacks; Caribbean area; migrations; ethnic identity; human geography.

### **Espaços Caribenhos: Ensaio Reflexivo/Circulações Teórico-Criativas**

“Espaços Caribenhos” é o meu jeito de descrever a pluralidade geográfica das ilhas, as localizações continentais circundantes, bem como as localizações socioculturais e geopolíticas caribenhas em países das Américas do Norte, do Sul e Central. Uma diáspora caribenha, podemos afirmar agora, também foi criada em países por meio de várias ondas de migração para áreas específicas que se tornaram o Espaço Caribenho. São lugares (espaços) sociais e culturais que estendem a compreensão do Caribe para além do “pequeno espaço”, identifições fragmentadas. A reivindicação do Espaço Caribenho captura ontologicamente formas de estar no mundo. Ele pressupõe movimento ao criar e refazer os elementos críticos da geografia Caribenha: paisagem terrestre e marinha, céu e sol, mas também música, comida e estilo.

Os espaços da diáspora Caribenha, no contexto continental, referem-se àqueles locais nos quais há recriações distintamente identificadas de comunidades caribenhas após a migração. Os ingredientes essenciais incluem uma

mudança demográfica considerável na população para este local determinado e o desenvolvimento de comunidades de negócios caribenhas: agências de viagens e agências de transporte marítimo, cabeleireiros de tranças e *dreadlocks*, plantas medicinais, empresas variadas, restaurantes, padarias e lojas dedicadas exclusivamente à preparação ou venda de produtos alimentícios do Caribe – produtos frescos e tubérculos e vegetais tradicionais<sup>7</sup>, lojas de *roti* e *patty*<sup>8</sup>. O entretenimento na forma de excursões, danças, festas Caribenhas de bairro, *parang*<sup>9</sup>, concertos, festas e outras atividades semelhantes contribui para a recriação da cultura caribenha na diáspora. Isso amplia a noção de Espaço Caribenho como um referente ontológico mais amplo, enquanto tenta reproduzir um conjunto descolonizado de arranjos. Mas ainda tem mais: lojas de discos, produtores musicais e redes caribenhas inter-relacionadas para a produção de espetáculos; meios de comunicação que vão desde jornais em Londres, Nova York ou Miami; *blogs* e jornais eletrônicos, boletins informativos, folhetos e cartões de festas, estações de rádio e televisão; clubes e jogos de futebol e críquete; diversidade linguística, incluindo crioulo, patoá, *espanglês*<sup>10</sup> e formas específicas de espanhol do Caribe; e uma cultura pública ou orientada para a rua manifestada em “*liming*”<sup>11</sup> e suas histórias e ostentações associadas, brincadeiras e gritos de rua, falar alto, estilos de roupas conspícuos (às vezes ridículos) e flertes e promessas públicas entre homens e mulheres. Uma certa camaradagem e socialização entre gerações, especialmente nas relações que têm a ver com o cuidado de crianças e idosos, compras de alimentos e sua preparação, passeios na praia e outras celebrações familiares transgeracionais com comida, música e dança também criam o espaço caribenho.

Os espaços caribenhos são então locais que preservam certas versões da cultura Caribenha, pois fornecem suporte comunitário na migração. Um produto da diáspora, podemos chamá-lo, os espaços caribenhos são claramente marcados por sua própria autoidentificação: em Londres, não apenas *Brixton*, mas também *Ladbroke Grove* e *Portobello Road*; *Powis Square*, onde existe um *Carnival Village* e o local de lançamento do *Carnival de Notting Hill*, e *Finsbury Park* e o espaço cultural criado na área em torno da *New Beacon Books*; *Brooklyn*, que recebe anualmente a Parada do Dia do Trabalho, e *Harlem*, com sua história

7 *Ground provisions*, literalmente, seria *provisões da terra*, remete ao conjunto de legumes e raízes cultivadas tradicionalmente no Caribe.

8 *Roti* e *chapati* são pães de origem indiana, parecidos com o que se conhece no Brasil como pão sírio [N.T.].

9 Música popular de Trinidad e Tobago, muito tocada no Natal.

10 Original *Spanglish*.

11 Nome que se dá para essas festas públicas caribenhas.

inicial de negócios, livrarias e expressões criativas caribenhas e ainda um *buffet* de saladas na ilha; Miami, com sua complexidade de bairros – *Little Haiti, Little Havana e Lauderhill*, a faixa 441 no norte de Miami; o lado norte de Chicago, próximo ao *Rogers Park*; o corredor *Baltimore – Washington, D.C.; Hartford, Connecticut*; Toronto, Canadá, com seu festival *Caribana...* Amsterdam... Paris... nós poderíamos continuar. Na verdade, observar as celebrações públicas dos carnavais na diáspora é uma forma de reconhecer o espaço Caribenho.

As zonas de interação familiar também revelam o espaço Caribenho: casamentos e funerais, as migrações de crianças e adultos de maneira consistente em ambas as direções; o cuidado de idosos e suas implicações em contextos comunitários e familiares geograficamente divididos; amizades de infância e de vizinhança duradouras e outras relações de parentesco fictícias; o desenvolvimento de gerações em comunidades e uma variedade de casamentos intercaribenhos/interamericanos – e outras comunidades étnicas; e a compra de propriedades e outros marcos residenciais, como o plantio de *ackee*<sup>12</sup>, banana, manga e pés de cajá-manga em Miami. Os espaços das ilhas Caribenhas fornecem certo conjunto bem documentado de interações culturais e vizinhança em comunidade, uma suposição de reciprocidade, um conjunto de formações culturais produzidas por ondas de migração para o Caribe da Índia, África, Europa, Américas do Norte e do Sul, norte da África, Oriente Médio. A história garante alguns marcadores distintos na terra, dentro e sobre os corpos das pessoas, dentro e ao redor das comunidades criadas. Uma certa geografia de interconexão nos arquipélagos garante a repetição que Antonio Benitez-Rojo identificou, bem como a consistente política de *crioulização* articulada por estudiosos e escritores como Kamau Brathwaite e Edouard Glissant. E o alcance, em localidades continentais como Guiana, Venezuela, Belize e Estados Unidos, garante o conjunto de extensões espaciais já identificadas. Mas, seguindo Alejo Carpentier, também se pode pensar em um Mediterrâneo Caribenho, em que o mar é basicamente cercado por espaços de terra que compõem o Caribe. Wilson Harris também descreveu uma “ponte do mito pré-colombiano que atravessa as Américas e com a qual Pym atinge uma sincronidade misteriosa, embora inconsciente, no ventre do espaço cultural”<sup>13</sup>. A sensação ou desejo, talvez daquela ponte marítima mítica, mas real, arqueando-se no Caribe e movendo-se para as Américas, é algo, a meu ver, que ainda vale a pena ver ou sentir.

12 É uma fruta da mesma família do guaraná, originária da África Ocidental.

13 HARRIS, Wilson. *The womb of space: The Cross-Cultural Imagination*. Westport, Conn., Greenwood Press, 1983.

A arquipelagização fornece um ponto de entrada, uma vez que carrega as marcas de sua história, mas também as possibilidades de transformação consistente, resistência e recriação. Há vários arquipélagos no Caribe, cada um com padrões relacionais de repetição e diferença. As histórias desses arquipélagos também são locais de tempero para africanos escravizados, pontos de partida da conquista colonial das Américas e da criação de departamentos de potências coloniais no além-mar. Uma espécie de laboratório desenvolvido por potências coloniais nas ilhas usadas para criar plantas e pessoas híbridas. Assim, uma celebração contemporânea de uma “Ilha das Especiarias”, com todas as suas evocações sensuais, se acomoda em uma realidade histórica de que a ilha foi utilizada para desenvolver vários tipos de especiarias, evocando, então, a experimentação botânica colonial. A evidência está presente em qualquer caminhada pelos jardins botânicos de qualquer lugar. Paisagens em arquipélagos do oceano Índico com padrões similares de plantações de cana-de-açúcar, produtos tropicais diversos e “festival de cultura crioula” confirmam isso, pois também fornecem paralelos interessantes. *Archipelagoes of Sound: Transnational Caribbeanities, Women, and Music* (2012) é uma contribuição bem conceituada por Ifeona Fulani que em sua introdução usa Benitez-Rojo para o enquadramento de um ponto de lançamento para um “meta-arquipélago que flui para o exterior sonoramente expandindo os limites, num movimento dinâmico”<sup>14</sup>.

Ainda assim, os caribenhos abraçam e indigenizam suas paisagens, como Sylvia Wynter o descreve: cultivando seus “alimentos tradicionais”<sup>15</sup>, ervas, vegetais e plantas; povoando a paisagem também com seus *duppies*, *jumbies*<sup>16</sup> e outros espíritos; carnalizando todos os locais de forma consistente, às vezes, criando precariamente habitações em terreno montanhoso ou em ambientes urbanos densamente povoados que mais tarde se tornam locais desejados com vista para paisagens marinhas; de vez em quando vivendo em falhas geológicas; e, em períodos de dificuldade, às vezes, criando novas identidades. Ainda assim, as experimentações farmacêuticas, como no contexto porto-riquenho ou o uso flagrante de locais caribenhos como bases militares, como em, digamos, Guantánamo ou Vieques, são colonizações mais recentes da globalização econômica contemporânea que trazem à tona as contradições em curso para as pessoas que tentam navegar onde estão, nas prioridades mundiais, que muitas vezes não os incluem.

14 BENITEZ-ROJO, Antonio. *The repeating island.: The Caribbean and postmodern perspective*. Reprinted, Durham, Duke University Press, 1997.

15 *Ground provisions*: tubérculos e vegetais mencionados anteriormente.

16 *Duppies e Jumbies* se referem a uma variedade de crenças e credos sobre espíritos no Caribe; suas nomenclaturas variam de ilha para ilha.

Embora os carnavais sejam locais para “ocupar o espaço”, os corpos das mulheres caribenhas são sexualizados tanto em casa quanto em contextos da diáspora. No último contexto, o movimento para fora das localizações culturais e geográficas originais com suas histórias resulta em um deslocamento para grandes cidades urbanas ao redor do mundo, nas quais agora estamos sob uma variedade de olhares desinformados. Corpos se contorcendo em ruas pavimentadas ou traseiros rebolando em frente aos órgãos genitais dos policiais mimetizam um tipo de distorção histórica que convida a uma série de leituras. Homens com câmeras posicionadas entre as pernas e nas virilhas das dançarinas do carnaval ou que fotografam apenas as nádegas criam vídeos pornográficos de carnavais, muitas vezes, sem qualquer remuneração para os indivíduos assim utilizados.

M. Nourbese Philip capturou a dinâmica do espaço externo e interno em seu ensaio *Dis Place: The Space Between*, em que o espaço corporal imita as relações coloniais de dominante-subordinado, enquanto as donas desses corpos tentam reivindicar certo poder pessoal. Para Nourbese, o que é definido como espaço vazio, na verdade, esconde uma compreensão de como o “espaço interno”, em termos de corpos de mulheres negras, produz o “espaço externo” no nível econômico e demográfico. O espaço entre as pernas das mulheres negras facilmente se transforma em lugar, ela afirma.

Ainda assim, no contexto geográfico mais amplo das Américas, Wilson Harris, em sua introdução a *The Womb of Space*, descreveu um movimento desejado de um “self intuitivo [...] infinito de padrões flexíveis, arcos ou pontes de comunidade”. Embora tenha limitado seu estudo a obras selecionadas, Harris estava realmente buscando uma “exploração transcultural raramente realizada por leitores ou críticos”. Sua definição de um útero do espaço é, na verdade, um “útero do espaço cultural”, que ainda exige uma mediação contínua entre todos os sistemas estruturados. Frases maravilhosas como “ambiguidades de liberdade”, “distorções significativas”, uma “assimetria dentro do infinito e do gênio da arte” capturam algumas de suas intenções. Mas ele também estava, me parece, reivindicando “um ventre de espaço evolutivo” e uma variedade de “horizontes concêntricos” que agora se tornaram mais visíveis.

O desejo de Zora Neale Hurston de perseguir horizontes similares foi ainda mais esclarecido durante uma visita ao Cabo Canaveral, Flórida, ponto de lançamento da NASA, a Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos. Eu percebi uma legenda que, de muitas maneiras, resumia a visão de mundo de Hurston e a torna, como ela queria, uma genuína “Bem-vinda ao nosso estado da Flórida”: “Em nossa época, aprendemos que o horizonte humano é infinito”. Ironicamente, foi nessa busca pelo horizonte que Zora começou

sua jornada e onde *Jump at the Sun*<sup>17</sup> ainda ressoa. Ao longo do caminho, ela viu e fez coisas lindas, incluindo viagens pelos Estados Unidos, Caribe e América Central, e assim encontrou uma maneira de abraçar os espaços caribenhos de formas que valem a pena ser imitadas. Ainda vale sublinhar que ela escreveu *Their Eyes Were Watching God* (1938), no Haiti.

Outro uso interessante do espaço como conceito é a noção de “espaços-problema”, conforme avançado por David Scott (*Conscripts of Modernity*) para dar conta dos espaços teóricos embora temporais, nos quais as condições reais de desdobramento produzem significados alternativos. Aqui temos uma compreensão diferente de espaço, mais como uma conjuntura teórica que vai além de significados históricos achatados ou talvez unicêntricos para oferecer novas análises, nas quais resultados antecipados dão lugar a novas formações. Uma visão geral de uma variedade de abordagens da cultura caribenha, usando metáforas de espaço e lugar, florestas e metáforas florais, às vezes, é fornecida por Marsha Pearce em <caribbeanculturalstudies.com>. Aqui, Pearce busca um significado que alcance a singularidade de um modelo de estudos culturais caribenhos, citando a insistência de Norman Girvan de que o termo *Caribenho* é também uma imposição ou ordenamento sobre uma paisagem terrestre e marítima diversa e complicada.

Para McKittrick e Woods, o incognoscível sempre deve ser decomposto em discursos de espaço e lugar, particularmente quando a raça cria geografias desiguais. O que muitas vezes é lido como espaço vazio esconde uma gama de realidades ainda a ser descoberta ou compreendida. Há um maravilhoso ensaio de Thomas F. Carter chamado “*Absence Makes the State Grow Stronger*”, no qual ele descreve o uso ou evitação de certos espaços atribuídos ao poder estatal que, mesmo quando não habitado, significam muito ou se tornam, em suas palavras, “material e espacialmente manifesto”. Ele estava descrevendo a Praça da Revolução, em Cuba, com a intenção de olhar para o uso de espaços públicos e privados e mais espaços revolucionários. Seu desejo expresso foi apropriar-se da lógica do “pequeno espaço” e encontrar formas de estendê-lo além de seu significado, além de sua compreensão local, para, assim, examinar outros pequenos espaços que têm esse tipo de alcance global, mas também examinar o que ele chama a “dialética corpo-espaço”. Fiquei muito animada em ver “*Caribbean Spaces, Transatlantic Spirit: Violence and Spiritual Reimaginings in the Caribbean*” (Prater) como o título de um ensaio, mas descobri que era a tentativa de um painel de discussão para capturar as maneiras pelas quais o espírito

---

17 “Jump at the sun. You might not land on the sun, but at least you’ll get off the ground” [N.T.].

desafia as limitações espaciais, mas incluiu um ensaio sobre Michelle Cliff com uma nota sobre qual tinha sido a intenção maior.

*Caribbean Spaces: Escapes from the Twilight Zones* [de minha autoria] pretende identificar uma série de passagens e locais entre as Américas que facilitam o movimento à medida que identificam um conjunto de traumas específicos. Não está muito interessado nas teses dos “arquipélagos da pobreza ou da dor” ou nos enfoques sobre o crime e a segurança e o tráfico de drogas - o lado desagradável do uso do espaço caribenho. Em vez disso, tenta ir além do amplo uso da *Middle Passage*<sup>18</sup>, entre a África e o Novo Mundo, para falar sobre a forma como entendemos os espaços culturais. Para fazer isso, ele se move entre explorações da cultura caribenha em uma variedade de locais (espaços) para um espaço geográfico caribenho imaginado mais amplo, expandindo seus significados a cada passo. Ele também tenta um movimento entre o autobiográfico e o conceitual, o experiencial e o teórico, a fim de romper a lógica do discurso acadêmico excludente que, muitas vezes, nega o pessoal.

Recentes descobertas científicas sobre o espaço como sendo infinito e sempre em expansão promove uma estrutura conceitual mais ampla para pensar sobre o espaço caribenho também como sempre em expansão. Na teoria crítica, isso é correspondido pela teorização do espaço “sempre tornando-se” (Massey), que avança em direção à abertura e, portanto, fornece a possibilidade de entendimentos do espaço como relacional, concêntrico ou sobreposto, o que também nos afasta da narrativa da conquista-do-espaço que está no cerne dos projetos coloniais. Felizmente, os humanos nunca podem conquistar o espaço. Os recursos para estudos em geografias pós-modernas têm sido importantes para reafirmar a relevância do espaço sobre a lógica temporal global, que fundamenta a gama de tradições filosóficas, incluindo o marxismo. Em cada caso, o espaço não é apenas a localização em si, mas assim como a vida social, política e cultural, informa e remodela a geografia. Para Soja, mesmo os vários “pós” carregam uma temporalidade particular que obscurece o espacial. Em *Toward a Spatialized Ontology* (*Postmodern Geographies*, Soja, 1989), ele delinea uma série de argumentos para uma dialética espaço-temporal que o leva, no final, a encontrar outros espaços, fornecendo as aberturas discursivas para pensar sobre os espaços caribenhos. Cianci, Patey e Sullam citam a noção de espaço, definida por Lefebvre, como produzida por uma gama de forças sociais e culturais, a política do espaço que também explica os processos de descolonização e

---

18 Termo em inglês usado para designar o tráfico transatlântico de escravos.

globalização. Assim, podemos ler o espaço como politizado, generificado<sup>19</sup>, racializado e, portanto, também estratificado em classes.

Como o Caribe é evidentemente um dos locais geopolíticos afetados por esses desenvolvimentos históricos mais amplos, ler o espaço caribenho contemporaneamente implica compreendê-lo para além dos seus contornos geograficamente estabelecidos com base em uma série de teorias, políticas, experiências, movimentos e eventos dos quais somos beneficiários. Appadurai avalia, como conclusão de seu ensaio “*Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy*”, que o que caracteriza o contemporâneo são tanto as disjunções radicais quanto os movimentos de semelhança, tudo dentro de um imaginário maior em que os “fluxos globais e as paisagens incertas” operam irregularmente, às vezes sobrepostos, influenciados por uma série de fatores e atores.

Este texto foi escrito para que meus amigos que nunca chegaram à universidade ou à pós-graduação ou aqueles que são profissionais e raramente leem textos acadêmicos, embora sejam leitores competentes, possam lê-lo com facilidade. Frequentemente, em diferentes trabalhos apresentados (isto é, trabalhos apresentados principalmente para leitores acadêmicos), eles se tornam bibliotecários dessas discussões ou proprietários de livros com orgulho que mostram aos amigos, mas nunca leem além das primeiras páginas. Portanto, desenvolvi uma estratégia narrativa deliberada para apresentá-lo como se estivesse transmitindo a eles o que as pessoas falam nas comunidades acadêmicas, ao mesmo tempo que falo para o mesmo público acadêmico. Há também uma navegação deliberada entre as análises autobiográficas e as baseadas em pesquisas e discussões usando pausas reflexivas intencionais.

## Espaço Intelectual Caribenho

O material intelectual que nos permite estudar o Caribe em seus próprios termos e com os nossos melhores pensadores cresceu em ondas desde o início dos anos 1950 e das iniciativas de descolonização nos anos 1960. Embora tenha havido algum trabalho antes disso, esse período de descolonização é um bom marcador de um novo corpo de investigação acadêmica. Alguns exemplos incluem as contribuições de Frantz Fanon, um martinicano que foi para a França e se tornou psiquiatra, mas no processo encontrou a variedade francesa de racismo. Ele escreveu *Peau Noire, Masques blancs*<sup>20</sup> talvez o

19 No original “gendered” [N.T.].

20 Éditions du Seuil, 1952 (em inglês, *Black Skin, White Masks*; em português, *Pele negra, Máscaras brancas*).

mais conhecido, *Les damnés de la terre*<sup>21</sup>, que inicialmente tinha o interessante subtítulo *A Negro Psychoanalyst's Study of the Problems of Racism and Colonialism in the World Today*.

George Lamming, de Barbados, que passou alguns anos (1945-50) em Trinidad, foi para a Inglaterra como escritor e lá tornou-se amigo de Claudia Jones, um tema central de minha pesquisa, e escreveu romances e um livro de ensaios chamados *The Pleasures of Exile* (1960). De ângulos diferentes, ele e um grupo de escritores, talvez o mais conhecido seja V. S. Naipaul, explicaram as realidades Caribenhos em espaços e contextos coloniais geográficos mais amplos. Nos anos 80, outro Martinicano, o estudioso Edouard Glissant, escreveu *Le discours antillais* (1981) e *Caribbean Discourse* (1989), cujas definições oferecidas são apreciadas por estudantes e estudiosos contemporâneos. Ele articulava uma poética para o Caribe, definida mais extensivamente em sua *Poetics of Relation* (1997), partindo das especificidades do Caribe francófono para chegar a discussões gerais sobre todo o Caribe ou o que é a *Caribenidade*<sup>22</sup>, em conversa com a teoria arquitetônica e cultural chamada pós-modernismo. De maneira semelhante, outro escritor, desta vez de Cuba, Antonio Benitez-Rojo, escreveu *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective* (1992), que conceitualizou o Caribe como uma série de repetições com diferença. Mas antes deles, o trabalho de Kamau Brathwaite, historiador e poeta de Barbados, que viveu em Londres, trabalhou em Gana e estudou as culturas crioulas do Caribe, desenvolveu grande parte da base para as discussões das culturas crioulas e da criouliização. Brathwaite desenvolveu mais recentemente uma teoria chamada “*tidalectics*”<sup>23</sup>, que define como existimos com os ritmos do oceano e contribuiu com a ideia de que “a unidade é submarina”.

Os escritos históricos, políticos e econômicos de Eric Williams e C. L. R. James, ambos de Trinidad, no Caribe Anglófono, já definiram o contexto para compreender o Caribe em relação ao desenvolvimento de empresas capitalistas europeias. Mas antes deles, uma variedade de atores políticos, como Hubert Harrison de St. Croix e Marcus, da Jamaica, fez grandes contribuições ao pan-africanismo, que ressoou posteriormente na música do reggae por meio dos lendários Bob Marley e Peter Tosh, nos anos 1960 e no presente. Destaca-se também o trabalho em desenvolvimento econômico de Arthur Lewis, de Santa Lúcia, que lhe garantiu uma vaga na história e um Prêmio Nobel.

21 Éditions Maspéro (1961;1968) (em inglês, *The Wretched of the Earth*; em português, *Os condenados da terra*).

22 *Caribbeanness* não tem uma tradução exata, o sufixo *-ness* – indica a transformação do adjetivo de pertencimento caribenho em substantivo, assim como ocorre com *Englishness* [N.T.].

23 Conceito para uma dialética das marés.

Uma variedade de perspectivas de pensamento surgiu por meio da criatividade. Derek Walcott, também de Santa Lúcia e outro Prêmio Nobel, continua a demonstrar que o “mar é história”, movendo-se entre Santa Lúcia e Trinidad, durante um momento mais móvel da sua vida, na década de 1950, reconhecendo ao longo do caminho a lógica de um crepúsculo vocal. Talvez todo o corpo da obra da Jamaica Kincaid, de origem Antiguana, possa ser identificado por suas lutas com a autobiografia e com a identidade caribenha, ou o leitor pode gostar dos livros da americana barbadiana Paule Marshall ou da obra voltada para jovens adultos de Rosa Guy de Trinidad, ou achar Michelle Cliff, crítica para definições de espaço. Mais recentemente, Edwidge Danticat, como escritora haitiana-americana, em quase toda a sua obra, foi responsável pelo movimento entre o Haiti e a América do Norte, embora *The Farming of Bones* (1999) esteja situado na difícil história entre a República Dominicana e o Haiti na mesma ilha. Uma história fascinante intitulada *Ghosts* identifica as condições adversas de Bel Air<sup>24</sup>, no Haiti, nas quais pessoas trabalhadoras às vezes são apanhadas nas maquinizações do crime executadas por *gangsters* que ela chama de “fantasmas”, pessoas que não estão mais operando com as normas esperadas de humanidade. Como resultado, a América do Norte torna-se uma possibilidade urgente, pois, como um irmão disse, com convicção, do Canadá, “A nossa casa não é sempre um lugar difícil de deixar para trás”.

De Porto Rico e da República Dominicana, vários escritores, tais como Mayra Santos-Febres e Angie Cruz, fornecem a expansão de nossa compreensão do Caribe de língua espanhola sobre algumas dessas questões. Santos-Febres, autora de *Sirena Selena: Vestida de Pena* (2009) também captura a transgressora, embora dolorosa, vida de uma travesti porto-riquenha, “vestida de pena”, que o subtítulo capta.

Vários textos críticos deram continuidade, mais recentemente, a um processo de redação teórica sobre o Caribe. Desses, incluem o trabalho de Michael Dash, *The Other America: Caribbean Literature in a New World Context* (1998) e o de Silvio Torres-Saliant em *Caribbean Poetics: Towards an Aesthetic of West Indian Literature* (1997). Embora tenha havido um crescente corpo de trabalhos em estudos de migração, nenhum trabalho, no que diz respeito a esse autor, abordou, de forma desenvolvida, o caribense/americano e, simultaneamente, levou o movimento ao Sul, para o Brasil, assim como este faz.

Ao começar a pensar sobre esse assunto, encontrei um texto orientador no livro de David Harvey, *Spaces of Hope* (2000), que percorre questões de

---

24 Bairro com alto índice de violência na capital, Porto Príncipe.

espacialidade, mas as expressa de uma forma experiencial, embora analítica. A pesquisa sobre espaço e lugar fornece toda uma área de investigação acadêmica nos campos da geografia e do planejamento urbano que oferecem definições úteis da geopolítica do espaço e do lugar. Edward Soja em *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory* (1989) oferece perspectivas sobre o que ele chama de “a fabricação da geografia”, privilegiando a geografia sobre a história e sugerindo que existem textos geográficos ocultos, particularmente como “relações de poder e disciplina estão inscritos na espacialidade aparentemente inocente da vida social; como as geografias humanas se tornam cheias de política e ideologia”. Dessa forma, a diáspora torna-se outra maneira de pensar em geografias alternativas, como McKittrick e Woods mostram em sua discussão sobre as populações negras, em Nova Orleans, após o furacão Katrina, particularmente na seção de sua introdução intitulada “*Submarine Roots: Towards a Reconstruction of the Global Community*”.

*Refashioning Futures: Criticism after Postcoloniality* (1999) e *Conscripts of Modernity: The Tragedy of Colonial Enlightenment* (2004), de David Scott, fornecem um conjunto interessante de ideias que os acadêmicos consideram úteis. De igual importância é sua criação do espaço intelectual Caribenho na revista chamada *Small Axe*, com ecos de Bob Marley, “*if you are the big three, we are the small axe*”. Thomas Glave, um jamaicano que ousadamente reivindicou um espaço caribenho que desafia a opressão de todos os tipos, resiste, portanto, à homofobia como um preconceito normalizado do Caribe. Sua coleção editada *Our Caribbean: A Gathering of Lesbian and Gay Writing from the Antilles* (2008), definitivamente sobre a suposição do espaço, inclui uma série de ensaios e contos caribenhos que desafiam os limites prescritos da imaginação do possível. O que Glave deseja é que avancemos em direção a um sentido mais amplo de nós mesmos e a uma imaginação mais avançada e nobre que tem sido nossa história em outras áreas, de Bob Marley a Marcus Garvey, na cena jamaicana. Apreendendo o erótico entre as mulheres, especificamente como evoca a biomitografia anterior de Audre Lorde, *Zami: A New Spelling of My Name* (1982), Omiseèke Natasha Tinsley, em *Thieving Sugar* (2010), interroga uma série de sexualidades no Caribe, com frequência, não levadas em conta ou existindo apenas fora da visão da maioria dos estudiosos, mas nitidamente em evidência na própria literatura.

Historiadores e cientistas políticos do Caribe forneceram um trabalho de base maravilhoso sobre o Caribe, útil para qualquer contextualização de desenvolvimentos anteriores e atuais. De Eric Williams, como já apontamos, temos sua *magnum opus*, *Capitalism and Slavery*, mas também *From Columbus to Castro: The History of the Caribbean, 1492-1969* (1970/1989). Franklin Knight,

em *The Caribbean: The Genesis of a Fragmented Nationalism* (2012), e o trabalho anterior editado com Colin Palmer, *The Modern Caribbean* (1989), continua atualizando os entendimentos históricos do Caribe, assim como Hilary Beckles que, com Verene Shepherd, escreveu *Caribbean Freedom: Economy and Society from Emancipation to the Present* (1996) e *Freedoms Won: Caribbean Emancipations, Ethnicities, and Nationhood* (2007).

Uma abordagem sócio-histórica interessante é fornecida por Mimi Sheller em *Consuming the Caribbean: From Arawaks to Zombies* (2003), que descreve em sua introdução “a exclusão do Caribe do espaço-tempo imaginado da modernidade ocidental” na “cultura popular e na mídia, mas também no discurso acadêmico”. Ainda assim, essa exclusão conceitual acompanha um consumo simultâneo do “ambiente natural, mercadorias, corpos humanos e culturas do Caribe”. Encontramos paralelos interessantes entre a forma como o Caribe é imaginado em termos de espaço insular e *Routes and Roots: Navigating Caribbean and Pacific Island Literatures* (2010), de Elizabeth DeLoughrey. As suposições reconhecíveis mais populares da “ponte que arqueia” entre as Américas, de Wilson Harris, talvez venham de artistas de hip-hop, criando um gênero que reúne de forma consistente a cultura urbana criada pela migração e a interação de Caribenhos, Afro-Americanos e culturas contemporâneas Latino-Americanas. E novas formas continuam surgindo o tempo todo.

*Caribbean Spaces: Escapes from Twilight Zones* combina ensaio autobiográfico com ensaio acadêmico e mostra as Américas em um contexto mais amplo ao mesmo tempo em que um novo espaço caribenho é imaginado. Isso também indica que tanto o Norte possui um significado icônico quanto um destino de fuga e que, da mesma forma, o extremo Sul, o Caribe e a América Latina executam esses mesmos movimentos em ambas as direções. *Zonas de crepúsculo [Twilight Zones]*, da maneira como estou usando aqui, referem-se aos espaços de transformação de uma condição para outra, de um local para outro, uma realidade para outra, e ao espaço emocional, físico e conceitual, por vezes, recentemente criado, que depois torna-se outro local identificado. As zonas de crepúsculo podem, portanto, ser espaços assustadores de perda, mas também de ganho. Um eco e uso anterior do crepúsculo é, certamente, “*What the Twilight Says: An Overture*”, de Derek Walcott (1971). Na minha releitura, sua invocação do crepúsculo tinha mais a ver com o anoitecer<sup>25</sup> iminente e os movimentos para a escuridão sensual. Além disso, nesse Derek muito mais jovem, todas as complicações do hibridismo racial e cultural que o ocupavam

25 A autora usa “impending dusk” em vez de “twilight”, neste trecho (N. do supervisor)

permeiam essa sensação de crepúsculo<sup>26</sup>. Uma revisão mais recente de sua leitura é sua apresentação do Nobel de 1992, “*The Antilles: Fragments of Epic Memory*”. Aqui, Walcott transfere sua visão para *Felicity*, uma vila em Trinidad, na orla da planície de Caroni. Nesse ensaio, ele pinta um quadro da dramatização de Ramleela do épico hindu *Ramayana*, em uma paisagem sobre a qual se sobrepôs à cultura indiana dos festivais. “*Felicity*”, com todas as suas ressonâncias e com toda a sua história na colonialidade anglo-saxônica, mas não sem o engajamento com sua memória da diáspora africana e indiana, atores e mitologias, fornece uma paisagem povoada por uma série de atores, dramatizando uma variedade de fragmentos de vários épicos. Mas, acima de tudo, capta a re-criação e a alegria neste processo que marca o Caribe.

Assim, para ele, “a surpresa visual é natural no Caribe; vem com a paisagem, e diante de sua beleza, o suspiro da História se dissolve”. Como Zora Neale Hurston, para quem Eatonville, Flórida, foi uma fuga tão grande quanto as Bahamas, ele acredita: “Damos muita importância àquele longo gemido que sublinha o passado”. Assim, *Felicity*, um nome que invoca a felicidade, torna-se sua metáfora de uma nova criação caribenha. Para ele, “É esse amor que reagrupa nossos fragmentos africanos e asiáticos. [...] Este recolhimento de peças avariadas são o cuidado e a dor das Antilhas e, se as peças são díspares, mal-ajustadas, contêm mais dor do que a escultura original, aqueles ícones e vasos sagrados tidos como certos em seus lugares ancestrais. A arte das Antilhas é a restauração de nossas histórias estilhaçadas, nossos fragmentos de vocabulário, nosso arquipélago se tornando sinônimo de peças quebradas do continente original”.

Em casa, no Caribe, quando jovem, Derek Walcott foi capaz de navegar Trinidad com facilidade, como sua própria Santa Lúcia. Ao longo do caminho, ele foi capaz de capturar aquele reconhecimento épico do “mar como história” no significado do Caribe, mas também suas novas histórias em curso, como Wilson Harris também se referiria ao “útero do mar e do espaço” e Kamau Brathwaite à ideia de que “a unidade é submarina”. Walcott oferece uma linha poderosa que quase se torna uma autodescrição: “O gênio do Caribe está condenado a se contradizer”.

No presente, porém, ele capta outra contradição viva de pessoas e espaços que permanecem presos entre o mundo construído dos “folhetos turísticos”, no qual “o Caribe é uma piscina azul na qual a república balança o pé estendido da Flórida como ilhas de borracha infladas e as bebidas com guarda-chuvas flutuam em sua direção em uma jangada. É assim que as ilhas, por vergonha da necessidade, se vendem”.

Assim, o *crepúsculo* também captura o espaço da dificuldade, da pobreza, em que alguns estão presos, pois também se refere a aspectos das paisagens urbanas

26 Agora, a autora usa “twilight”, mas como “sense of twilight” (N. do supervisor).

contemporâneas como Londres, vivendo entre o “presente instável e o passado frágil”, como expresso no filme *Twilight City* (1989). De acordo com o revisor Kodwo Eshun (2004), este ensaio filmico apresenta uma poética da globalização, pois “busca evocar a paisagem psicogeográfica da vida por meio da desterritorialização e reterritorialização da cultura”. Uma narrativização aliada de uma paisagem urbana em deterioração, desta vez no próprio Caribe, é apresentada por Edwidge Danticat, em sua história *Ghosts*. Pascal, o protagonista da história, preso nas garras do líder de gangue de um braço só, quando a história termina, depois de ser erroneamente preso e libertado sob os auspícios de seu fantasma agora residente, imagina um programa de rádio de membros perdidos: “Ele abria com uma discussão sobre quantas pessoas em Bel Air perderam membros. Então ele iria de membros para almas, para o número de pessoas que perderam a família – irmãos, pais, filhos – e amigos. Esses eram os verdadeiros fantasmas, ele diria, os membros fantasmas, mentes fantasmas, amores fantasmas que nos assombram, porque foram usados, depois abandonados, porque estavam desolados, porque eram violentos, porque eram impiedosos, porque estavam sem escolhas, porque não queriam ser expulsos, porque eram pobres”.

*Caribbean Spaces: Escapes from Twilight Zones* oferece mais continuidades deliberadas com as Américas e, então, brinca com os imaginários e histórias da “Estrada de ferro Subterrânea”. Mas, da mesma forma, junta os fragmentos como um mosaico ou colcha. Aqui, as *rotas de fuga* referem-se a um conjunto de passagens que buscam a liberação em diferentes direções. Da forma como o utilizo, o termo *rotas de fuga* [*escape routes*] refere-se a movimentos de liberdade, não apenas em direção ao Norte, mas também do Norte ao Sul, portanto, também do Caribe aos Estados Unidos, mas também seu reverso, dos Estados Unidos para o Caribe. Se seguirmos a lógica de Harris, então, as Américas, por causa das histórias do “Novo Mundo” de genocídio, escravidão e colonialismo, foram locais de fuga em uma variedade de direções. Assim, não é por acaso que os destinos turísticos seguem essas mesmas rotas norte-sul, procurando também escapar, afastando-se das restrições do Norte, ou que os descendentes dos povos indígenas assumam as Américas como um espaço “em constante evolução” no qual as fronteiras feitas pelo homem devem ser transgredidas. Os espaços caribenhos são menos espaços idealizados do que espaços de possibilidades.

Quando descobri recentemente em um factóide casual de televisão que o olímpico jamaicano Usain Bolt cobre pelo menos dez pés a cada passada, dada as configurações de corpo, espaço, movimento e velocidade que ele possui, percebi uma vez mais que todos os esforços humanos de excelência têm sido para conquistar espaço: do basquete, do atletismo, no nível de seu mais alto

desempenho, até o pensamento intelectual, o lugar do mito e os desafios da geografia e da história recebidas. É significativo que Wilson Harris tenha intitulado a sua obra, de 1983, de *The Womb of Space*, já que ele também estava nitidamente trabalhando para nos levar a uma compreensão do Espaço Caribenho como tendo um significado muito mais amplo, possibilidades míticas e localizações geográficas reais onde a imaginação transcultural [*cross-cultural*] pode florescer, espaço emocional no qual nos damos espaço para sermos brilhantes.

## Referências:

- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Public Culture*, v. 2, n. 2, 1990, pp. 01-24.
- BECKLES, Hilary e SHEPHERD, Verene. *Caribbean Freedom: economy and society from emancipation to the present*. Princeton N.J., Marcus Wiener, 1996.
- BENITEZ-ROJO, Antonio. *The repeating island.: The Caribbean and postmodern perspective*. Reprinted, Durham, Duke University Press, 1997.
- BRATHWAITE, Edward K. *The arrivants: a new world trilogy*. Oxford, Oxford University Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Middle Passages*. New York, New Directions, 1993.
- CARPENTIER, Alejo. *On marvelous real in America: In: The kingdom of this world: A novel*. New York, Farrar, Straus, and Giroux, 1989.
- CARTER, Thomas F. Absence Makes the State Grow Stronger: Preliminary Thoughts on Revolutionary Space, Spectacle, and State Legitimacy. In: RIOBO, Carlos. *Cuban Intersections of Literacy and Urban Spaces*. Albany, State University of New York Press, 2011, pp. 49-65.
- DANTICAT, Edwidge. *The farming bones*. London, Penguin, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ghosts*. New Yorker, November 2008. Disponível em: <[http://www.newyorker.com/fiction/features/2008/11/24/081124fi\\_fiction\\_dinticat](http://www.newyorker.com/fiction/features/2008/11/24/081124fi_fiction_dinticat)>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- DASH, Michael. *The Other America: Caribbean Literature in a New World context*. Charlottesville, University Press of Virginia, 1998.
- DAVIES, Carole B. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the subject*. London and New York, Routledge, 1994.
- DELOUGHREY, Elizabeth. *Routes and Roots: Navigating Caribbean and Pacific Island Literatures*. Honolulu, University of Hawaii Press, 2010.
- ESHUN, Kodwo. Twilight city: outline for an Archaeopsychic Geography of New London. *Wasafiri*, v. 19, n. 43, 2004, pp. 07-13.
- FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York, Grove, 2008.
- \_\_\_\_\_. *The Wretched of the Earth*. New York, Grove, 2005.

- FULANI, Ifeona. *Archipelagos of Sound: Transnational Caribbeanities, Women and Music*. Kingston, Jamaica, The University of the West Indies Press, 2012.
- GLAVE, Thomas. (ed). He Who Would Have Become 'Joshua,' 1791. In: *The Torturer's Wife*. San Francisco, City Lights, 2009.
- . *Our Caribbean: A Gathering of Lesbian and Gay Writing from the Antilles*. Durham, Duke University Press, 2008.
- GLISSANT, Edouard. *Caribbean Discourse: Selected Essays*. Charlottesville, University Press of Virginia, 1999.
- HARRIS, Wilson. *The womb of space: The Cross-Cultural Imagination*. Westport, Conn. Greenwood Press, 1983
- HARVEY, David. *Spaces of Hope*. Berkeley, University of California Press, 2000.
- HURSTON, Zora Neale. *Tell My Horse: voodoo and life in Haiti and Jamaica*. New York, Harper Perennial, 2008.
- JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York, Vintage, 1989.
- JONES, Claudia. The Caribbean Community in Britain. *Freedomways*, Summer 1964, pp. 340-357.
- KINCAID, Jamaica. *At the bottom of the river*. New York, Penguin, 1992.
- . *A small place*. New York, Penguin, 1988.
- . *Annie Jonh*. New York, Penguin, 1986.
- . *The Autobiography of My Mother*. New York, Penguin, 1996.
- KNIGHT, Franklin W. *The Caribbean: The Genesis of a fragmented Nationalism*. New York, Oxford University Press, 2012.
- KNIGHTK, Franklin W. e PALMER, Colin. (eds.). *The Modern Caribbean*. Chapel Hill, N.C. and London, University of North Carolina Press, 1989.
- LAMMING, George. *The Emigrants*. London, Allison and Busby, 1980.
- . *The Pleasures of Exile*. London, Allison and Busby, 1984.
- LORDE, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. Trumansburg, Crossing Press, 2011.
- MARSHALL, Paule. *Brow Girls, Brownstones*. New York, Feminist Press, 1981.
- MCKITTRICK, Katherine e WOODS, Clyde. (eds) *Black Geographies and the politics of Place*. Toronto, Between the Lines; Cambridge, Mass, South End Press, 2007.
- NOURBESE PHILIP, Marlene. Dis Place: The Between. In: *A Genealogy of Resistance, and Other Essays*. Toronto, Mercury Press, 1997.
- . *Frontiers: Selected Essay and Writings on Racism and Culture, 1984-1992*. Toronto, Mercury, 1992.
- PRATER, Tzarina. Caribbean Spaces, Transatlantic Spirit: Violence and Spiritual Reimagining in the Caribbean. In: VALDES, Vanessa K. *Let Spirit Speak: Cultural*

- Journeys through the African Diaspora*. Albany, State University of New York Press, 2012, pp. 77-87.
- SANTOS-FEBRES, Mayra. *Sirena Selena Vestida de Pena*. Punto de Lectura, 2009.
- SCOTT, David. *Conscripts of Modernity: The tragedy of Colonial Enlightenment*. Durham, Duke University Press, 2004.
- SHELLER, Mimi. *Citizenship from Below. Erotic Agency and Caribbean Freedom*. Durham, Duke University Press, 2012.
- SOJA, Edward W. *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Theory*. London, Verso, 1989.
- TINSLEY, Omise'èke Natasha. *Thieving Sugar: Eroticism between Women in Caribbean Literature*. Durham, Duke University Press, 2010.
- TORRES-SALLIANT, Silvio. *Caribbean Poetics: Towards an Aesthetic of West Indian Literature*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- WALCOTT, Derek. *The Antilles: Fragments of Epic Memory*. Nobel presentation, 1992.
- . What the Twilight Says: An Overture. In: *Dream on Monkey Mountain, and Other Plays*. New York, Farrar, Straus, and Giroux, 1971.
- WILLIAMS, Eric. *From Columbus to Castro. The History of The Caribbean, 1492-1969*. New York, Harper and Row, 1989.
- WYNTER, Sylvia. Jonkonnu in Jamaica: Toward the interpretation of Folk Dance as a Cultural Process. *Jamaica Journal*, June, 1970, pp. 34-48.
- . Novel and History, Plot and Plantation. *Savacou*, v. 5, June 1971, pp. 95-102.
- . One Love – Rhetoric or Reality? Aspects of Afro-Jamaicanism. *Caribbean Studies*, v. 12, n. 3, 1972, pp. 64-97.
- . On How We Mistook the Map for the Territory and Re-imprisoned Ourselves in Our Unbearable Wrongness of Being, of *Desêtre*: Black Studies toward the Human Project. In: GORDON, Lewis e GORDON, Jane Anna. *Not Only the Master's Tools: African American Studies in Theory and Practice*. Boulder and London, Paradigm, 2005, pp. 107-169.
- . Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human after Man, Its Overrepresentation – an Argument. *New Centennial Review*, v. 3, n. 3, 2003, pp. 257-337.

Recebido em: 02/12/2020

Aprovado em: 21/12/2020

### **Como citar este artigo:**

BOYCE-DAVIES, Carole. Espaços Caribenhos: Fugas das Zonas de Crepúsculo. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 1183-1200.